

O PLANO URBANÍSTICO DA CIDADE DE BOA VISTA, RR, APLICADO À DISCIPLINA DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

THE URBAN PLAN OF BOA VISTA CITY, RR, APPLIED TO DISCIPLINE OF GEOGRAPHY IN THE SECONDARY EDUCATION

Roseane Pereira Morais

Graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima
moraisroseane@ymail.com

Antonio Tolrino de Rezende Veras

Geógrafo, Prof. Dr. do Departamento de Geografia da UFRR,
tolrino@usp.br

RESUMO

Este artigo apresenta o plano urbanístico da cidade de Boa Vista-RR, como conteúdo escolar de Geografia no Ensino Médio, através da percepção das mudanças ocorridas em seu plano urbanístico em períodos distintos da história. Essa discussão parte do princípio de que a cidade é mais que um espaço urbano, com elementos específicos, é um lugar de aprendizagens significativas. A metodologia utilizada foi a aplicação de questionário na Escola Estadual Camilo Dias, um seminário explicativo e uma avaliação final. Os resultados mostraram que o conteúdo de geografia urbana é uma temática que ainda está distante do contexto escolar local, principalmente no que se refere ao conhecimento histórico e social do próprio lugar, onde cotidianamente vivem os alunos, ou seja, a cidade de Boa Vista. Portanto, é preciso que o professor de Geografia escolar de nível médio, comece a introduzir temas relacionados a este assunto dentro do ambiente escolar, através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades e valores que ampliam a capacidade dos alunos de compreender o mundo em que vivem e atuam a partir da paisagem cultural que os cercam.

Palavras-chave: Plano Urbanístico, Geografia Escolar, Ensino Médio, Paisagem Cultural.

ABSTRACT

This paper present the urban plan of Boa Vista city, RR, like a discipline of geography in secondary school, through the perception of changes in its urban plan in different periods of history. This discussion assumes that the city is more of than urban space, with specific elements, is a place of significant knowledge. The methodology used was a questionnaire in the State School Camilo Dias, an explanatory seminar and a final evaluation. The results showed that the content of urban geography is an issue that is still far from the local school context, particularly in relation to historical and social knowledge of the actual place where the students living, the Boa Vista city. Therefore, it is necessary that the professor of Geography of secondary school, begin to introduce topics related to this subject within the school environment through the practice of construction and reconstruction of knowledge, skills and values that enhance students ability to understand the world they live and act from the cultural landscape surrounding them.

Key-words: Urban Plan, Scholar Geography, Secondary School, Cultural Landscape.

INTRODUÇÃO

Este trabalho realiza uma análise sobre um de vários eixos temáticos inseridos no contexto geográfico, adequando o conteúdo programático no ensino da Geografia à realidade vivenciada pelos alunos secundaristas. O tema trabalhado é a cidade de Boa Vista, Roraima, destacando os limites do traçado urbanístico e os diversos períodos que acarretaram nas mudanças na sua forma original até a atual configuração. Esse tema levanta algumas questões sobre como os alunos desconhecem a história do lugar onde moram e não o percebe como algo que já foi diferente no passado, ou seja, não observam as modificações urbanísticas que ocorreram ao longo da história do local onde vivem, são apenas atores passivos do cenário que os envolve.

A cidade de Boa Vista possui uma história dinamizada por diferentes agentes promotores do espaço, tais como políticos, comerciantes e a própria população *boavistense*. Vários foram os momentos em que esta ganhava novas formas em sua malha urbana e no aspecto físico. Esses períodos fizeram da cidade um cenário de transformações significativas, pois é possível perceber através do crescimento irregular, a remodelagem da sua malha viária, principalmente para a zona de maior densidade demográfica, a Zona Oeste, que hoje possui cerca de 40 bairros (IBGE, 2010). No entanto, Boa Vista já teve um período de tecido urbano planejado, seguindo o padrão radial concêntrico, inspirado na cidade de Paris. Hoje, o que se vê no seu centro principal são apenas marcas de um passado inovador. Mas, sua história não se resume a apenas esse período de planejamento urbano, na verdade, ela é tão importante e complexa como a gênese e crescimento de qualquer cidade pequena, média ou grande do Brasil.

Estudar a cidade como conteúdo da Geografia Escolar é uma oportunidade de mostrar aos discentes como eles também são sujeitos da história do lugar em que vivem. Dorfman et. al. (2009) relatam que “os materiais sobre Geografia Urbana disponíveis aos discentes e docentes do Ensino Médio são, em geral, organizados em torno de questões, dados e exemplos que dificultam a identificação dos alunos com os temas estudados, posto que são concebidos nas metrópoles nacionais” (p. 2). Desta maneira, fica difícil incorporar tais recursos didáticos à realidade de um aluno que mora numa cidade média, com outros aspectos econômicos, sociais e culturais como Boa Vista. Nesse aspecto, o aluno fica conectado a um mundo na qual não lhe pertence, e as probabilidades dele sair da sala de aula com um pensamento crítico capaz de intervir nos problemas sociais a sua volta são mínimos.

Segundo Cavalcanti (2000), no dia-a-dia os alunos vão adquirindo um saber próprio, um conhecimento diário, a que a autora se refere como a “geografia das coisas” que os cercam, “as crianças e os jovens, independentemente na Geografia que estudam na escola, circulam pela cidade, pelo bairro, realizando suas atividades cotidianas, criando, recriando e organizando espaços, conhecendo a geografia das coisas” (CAVALCANTI, 2000, p. 77). É nesse sentido, que o professor se mostra atento e assim pode desempenhar seu papel de mediador, entre o ambiente escolar e a vida em sociedade numa perspectiva socioconstrutivista.

Portanto, esta pesquisa como sendo trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal de Roraima, objetiva propor que o desenho urbano de Boa Vista seja visto como temática metodológica participativa no conteúdo programático que trabalha conceitos de cidade no Ensino Médio, dentro de uma perspectiva local, contextualizando todas essas discussões acerca do Ensino da Geografia propondo uma visão mais crítica com relação a metodologia, que envolve os conteúdos programados sobre os aspectos urbanos, com um olhar mais apurado para a cidade em que estamos inseridos, no intuito de provocar nos alunos do ensino básico o pensamento crítico sobre o espaço habitado que residem.

Localização da Escola Estadual Camilo Dias

A Escola Estadual de 1º e 2º Graus Professor Camilo Dias localiza-se na Rua Tenente Guimarães, 382 – Bairro Liberdade em Boa Vista – RR (Figura 1).



Figura 1: Mapa de localização da Escola Estadual Camilo Dias. Fonte: Google Earth, 2014.

Adaptação: Thiago M. de Carvalho, 2014.

A Escola Estadual Camilo Dias foi criada pelo Decreto nº 13 de 07 março de 1983. Foi reconhecida pelo Conselho de Educação através do Parecer nº 44 de 17 de setembro de 1986. A denominação da escola homenageia o professor Camilo Dias de Souza Cruz, professor de Língua Portuguesa com grande atuação no antigo Território Federal de Roraima.

METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho, houve antes de tudo uma revisão da literatura pertinente à temática geral proposta nessa pesquisa, que inclui a cidade como conteúdo geográfico no Ensino Médio e reflexões sobre o ensino da Geografia nas escolas. Para isto, foram trabalhadas obras de Bado (2009), Cavalcanti (2010), Callai (2001; 1999), Vesentini (2008), entre outros autores. Além disso, foram utilizados, como base oficial de informação a respeito do funcionamento educação brasileira e o ensino de Geografia, a LDB e os PCNs com a legislação e os princípios básicos de orientação para escola e para o professor. Já o objeto específico trabalhado nessa pesquisa, dentro da temática cidade, foi o espaço urbano de Boa Vista – RR, e por esse motivo também se realizou um levantamento geohistórico sobre os

fatores que levaram a formação e o desenvolvimento dessa cidade, desde sua gênese até sua configuração atual.

Após toda a revisão literária, a pesquisa partiu para a investigação em campo e coleta de dados, juntamente com a escolha da escola Camilo Dias, local onde seriam realizadas as atividades e, em seguida, escolha da turma de 2ª série do Ensino Médio que se tornaria alvo essencial da pesquisa. O método escolhido como forma de coleta de dados foi o questionário elaborado de forma autoaplicável constituído de questões objetivas incluindo múltiplas respostas e, também questões dissertativas. Esse questionário, aplicado sem nenhuma aula antecedente, permitiu que os alunos se expressassem textualmente sobre os assuntos de natureza mais individual.

Com os questionários já respondidos, a tabulação dos dados para a geração de gráficos no Microsoft Excel, foi o próximo passo, o objetivo era compreender o grau de dificuldade dos alunos em relação ao que estava exposto nas perguntas. A partir daí, foi montada uma apresentação em Power Point para uma melhor compreensão dos fatos a serem exibidos, e o resultado foi mostrado aos alunos em uma data marcada para o seminário explicativo. As imagens foram apresentadas no Projetor de imagens disponibilizado pelo PROTERR/UFRR (Laboratório de Produção Territorial – Departamento de Geografia da UFRR). E, por último, foi pedido à turma que avaliasse o desempenho da apresentação, através de questões que visavam saber se as dúvidas iniciais do primeiro questionário puderam ser parcialmente ou totalmente resolvidas. A junção desses dados e a fundamentação teórica resultaram na elaboração desse trabalho de natureza acadêmica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A investigação da temática que relaciona a cidade ao Ensino da Geografia não parte de um ponto cego qualquer, mas ela se baseia em uma expectativa social direcionada por nossas leis e diretrizes que fundamentam as bases da educação brasileira. Esta base regulatória mostra que o processo do ensino/aprendizagem não se resume ao contexto escolar, mas se refere também ao entorno social e cultural que cerca cada um dos envolvidos nesse processo com um todo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 – em um de seus principais objetivos deixa claro uma especial atenção ao exercício da cidadania devido a sua estreita ligação ao convívio social cidadão.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destacam que:

Dentre os quatro princípios propostos para uma educação para o século XXI – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser – destaca-se o **aprender a conhecer**, base que qualifica o fazer, o conviver e o ser e síntese de uma educação que prepara o indivíduo e a sociedade para os desafios futuros, em um mundo em constante e acelerada transformação. (*Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Médio, 2000, p.11*)

Diante dessa discussão, torna-se necessário destacar que esses documentos são ferramentas que norteiam o processo de ensino de Geografia nas escolas, porém é dever do professor adequar tudo isso a sua realidade em geral. Baseado nestes pressupostos optou-se por escolher a cidade (Geografia Urbana) como temática no processo de ensino e aprendizagem de Geografia no Ensino Médio, com base na história de Boa Vista e sua reconfiguração urbana ao longo dos anos e os principais motivos que a levaram a ser como é hoje.

O que diz a LDB sobre a Educação Básica e o Ensino Médio

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 5ª ed. 2010) foi promulgada com o intuito de normatizar e regularizar o sistema educacional brasileiro, com um objetivo também de planejar e orientar as bases curriculares das escolas e outros níveis de ensino presente em nossa realidade. A LDB busca ainda promover uma melhor conexão entre a cultura escolar e a cultura social do aluno, visando que ambos caminhem lado a lado na formação de cidadãos responsáveis pelo desenrolar de sua própria história.

No caso do Ensino Médio, o Artigo 35 mostra qual é a finalidade desta etapa da Educação Básica através de algumas diretrizes que servem como um direcionamento específico dado pela contribuição escolar para a vida social do aluno, com um destaque para o segundo inciso:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (LDB, 5ª ed. 2010, p. 28-29, grifos nossos).

A partir dessas diretrizes voltadas para o Ensino Médio, uma das propostas da LDB para esta etapa da vida escolar é o caráter da sua formação integral com base no direcionamento para o trabalho. A escola procura identificar as aptidões de seus educandos, destacando suas principais habilidades, no intuito de promover a sua inserção na vida real como um cidadão, apto a desenvolver atividades cotidianas sem que haja grandes perturbações nas primeiras experiências profissionais. Essas habilidades são logo percebidas pelos professores que estão ministrando aulas específicas de qualquer uma das disciplinas programadas, tais como: capacidade de análise, de resolução de problemas, de tomar decisões, e o mais importante flexibilidade para continuar aprendendo.

Os PCNs de Geografia no Ensino Médio

Partindo dos princípios definidos pela LDB, o Ministério da Educação, em conjunto com educadores do Brasil, estabeleceram propostas pedagógicas para um novo currículo apoiado em decisões básicas para inserção dos alunos na vida social adulta. Esses princípios, conhecidos como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, ed. 2000), surgiram da necessidade de se colocar em prática alguns ajustes não só no processo de ensino/aprendizagem como um todo, mas também veio como uma forma de inserir tais conhecimentos ao novo mundo que nos cerca, um mundo onde a tecnologia é uma das qualidades mais marcantes da nova era e uma realidade irreversível, além das mudanças na produção de bens, serviços e conhecimentos que fazem com que a escola tenha que se adequar e integrar seus alunos “ao mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais da cidadania e do trabalho” (PCNs, ed. 2000, I parte: Bases legais, p. 4).

Levando ao campo de conhecimento da Geografia, os PCNs logo no início da contextualização traz uma questão muito importante sobre o porquê de estudar Geografia, e, esse é o ponto de partida para o início das discussões do ensino dessa disciplina nas salas de aulas. Dessa forma, esse documento desperta atenção para um ponto específico: os processos de renovação que essa ciência sofreu no século XX, e remodelagem de seu ensino a partir da década de 70 no Brasil, impondo a necessidade de se pensar na, “(...) construção de fundamentos epistêmicos necessários à consolidação de sua cientificidade; a definição e a clareza do seu objeto de estudos; e o papel do sujeito desta ciência, capaz de desvelar a organização espacial e suas relações” (PCNs, ed. 2000, IV parte: Ciências Humanas e Tecnologias, p. 29). Essas foram algumas das dificuldades apresentadas àqueles que

buscavam um novo modelo de propagação dos conhecimentos geográficos no universo escolar, o que deu início a um novo movimento conhecido como “Geografia Crítica” que chegava às escolas a partir dos anos 1980, “propondo, resumidamente, o fim do saber neutro, da paisagem como espetáculo e do ensino conteudístico” (PCNs, ed. 2000, IV parte: Ciências Humanas e Tecnologias, p. 29).

Essa nova Geografia propiciou uma relação mais intensa entre a teoria e a prática baseada na análise crítica dos conhecimentos envolvidos neste processo e de sua metodologia, isso vai permitir que o alunado não fique submerso às transformações que ocorrem no Brasil e no mundo, mas, faz com que ele consiga perceber que ele é parte de todas essas mudanças numa ligação conjunta entre sujeito humano e os objetos de seus interesses. Os PCNs do Ensino Médio para a Geografia deixam claro que é preciso “compreender as relações econômicas, políticas, sociais e suas práticas nas escalas local, regional, nacional e global” (PCNs, ed. 2000, IV parte: Ciências Humanas e Tecnologias, p. 30), para que a contribuição do conhecimento geográfico, na realidade, não se prenda a uma totalidade homogênea, abrangendo um espaço único sem particularidades definidas, mas tem que se pensar o espaço na qual se passam as relações cotidianas e se estabelecem aí as redes sociais nas referidas escalas.

Portanto, para os PCNs, o papel da Geografia no Ensino Médio é justamente ajudar o aluno a entender esses processos em diferentes escalas para que ele consiga desenvolver sua capacidade de analisar o que é real, “revelando às causas e efeitos, a intensidade, a heterogeneidade, e o contexto espacial dos fenômenos que configura cada sociedade” (PCNs, ed. 2000, IV parte: Ciências Humanas e Tecnologias, p. 30). É a partir dessa forma de pensar que se consegue perceber a possibilidade de trabalhar com a cidade baseada em seu desenho urbano, pois este surgiria como um objeto de estudo produzido pela complexidade das ações humanas, parte fundamental do conhecimento geográfico, pois essa temática, além de demonstrar o *locus* de vivência dos alunos, também corresponde às expectativas que são de importante interesse da Geografia, como as relações socioespaciais, políticas, econômicas, ambientais, étnicas e religiosas.

Os próprios PCNs concordam implicitamente com esse objeto de estudo ao descrever que “ao se identificar com seu lugar no mundo, ou seja, o espaço de sua vida cotidiana, o aluno pode estabelecer comparações, perceber impasses, contradições e desafios do nível local ao global” (PCNs, ed. 2000, IV parte: Ciências Humanas e Tecnologias, p. 31). E dessa forma, ele será capaz de se situar no mundo a sua volta como um ator crítico lidando melhor com o volume e velocidade de informações e transformações presentes, no intuito de

combater a superficialidade das competências sociais que contribuem para o individualismo e alienação.

Algumas reflexões sobre Ensino da Geografia e sua prática

Os PCNs para o Ensino Médio também nos trazem uma discussão muito importante dentro do âmbito escolar sobre: o que é Geografia e como ensiná-la? Essa interrogação nos permite repensar os conteúdos propostos pelos livros didáticos introduzidos em nossas escolas e as metodologias que vamos utilizar para a apreensão desses conteúdos. É claro que não existe uma fórmula perfeita para que a metodologia seja totalmente eficaz e apreendida com sucesso pelo corpo discente, mas é preciso adequar certos modelos à realidade que nos cerca e reinventar outras formas para situações diversas, o que se mostra como um grande desafio aos professores dessa disciplina em particular.

Para Cabral (1957), a Geografia pode e deve ser um ótimo instrumento da educação, o que se deve ser discutido aqui é a divergência entre o que a Geografia deve fazer pelo cidadão e o que ela realmente faz, o autor defende também que a deficiência está nos métodos de ensino e não nos conteúdos de Geografia. Cavalcanti (2010) reflete que um dos problemas que mais aflige o professor de Geografia está basicamente no método ou estratégias que devem adotar para despertar o interesse do aluno aos conteúdos programados nas aulas, no intuito de convencê-los da importância de se estudar Geografia.

Para isso os professores precisam se adequar às novas situações e procurar semanternamente a mesma dedicação, sabendo que a qualquer momento seu método pode cair na rotina e resultar no baixo desempenho do aluno. E, como as dificuldades são crescentes, muitos professores optam por manter atividades rotineiras, desgastantes para os alunos e sem nenhum chamariz para o conteúdo introduzido. Os que conseguem realmente manter uma metodologia mais abrangente e inspiradora são poucos, pois, estes sabem que parte fundamental no controle da disciplina e participação assídua dos alunos é a maneira como eles direcionam suas aulas.

Callai (2001) traz uma referência muito importante dentro dessa questão que envolve o professor de Geografia e seu método. Para esta autora a Geografia, se constitui como um importante componente na escola básica, pois oferece inúmeras possibilidades para seu desenvolvimento, já que as informações estão sempre atualizadas e veiculadas, tornando-se cada vez mais acessíveis e sempre com novas interpretações e análises, mas o que ela questiona dentro de tudo isso é o que os professores de Geografia estão fazendo nas aulas, o

que eles querem que os alunos aprendam e o que é fundamental para aluno aprender nas aulas de Geografia.

Essa interpretação da realidade fica mais interessante quando analisamos primeiro a paisagem do lugar a nossa volta, sempre partindo do local ao global. Essa organização do tempo e do espaço tem que ser feita pelo professor antes de qualquer coisa, pois, ele precisa perceber que os alunos, de início, estão ali apenas como ouvintes, então, é ele quem irá situá-los em relação ao conteúdo, ou seja, vai dizer quando e onde ocorrem as situações descritas na paisagem para incentivar o interesse daqueles que o ouvem.

O movimento denominado Geografia Crítica foi um marco importante dentro das possibilidades de mudança na maneira de se enxergar a Geografia como disciplina essencial nas escolas. Trata-se de uma Geografia que destaca o espaço geográfico como espaço social, construído, pleno de lutas e conflitos sociais. Para Vesentini (2008):

Essa geografia radical ou crítica coloca-se como ciência social, mas estuda também a natureza como recurso apropriado pelos homens e como uma dimensão da história, da política. No ensino, ela se preocupa com a criticidade do educando e não com "arrolar fatos" para que ele memorize (...). Mas inspira-se, sobretudo na compreensão transformadora do real, na percepção da política do espaço. Essa geografia é ainda embrionária, especialmente no ensino. Mas é a geografia que devemos, geógrafos e professores, construir. Todavia, isso não deve significar elaborar um *modelo* a ser seguido (de métodos, temas, conceitos, seqüência da apresentação, etc), pois o modelo por si mesmo destrói a criatividade, limita a descoberta do novo, transforma o conhecimento de fundante em fundado (p. 14).

Então, como podemos fazer para que essa criticidade geográfica se apresente verdadeiramente em nossas escolas? O primeiro passo já foi dado, quando geógrafos e professores decidiram que o tradicionalismo não rendia e não formava cidadãos aptos a transformar a sociedade.

A cidade como instrumento no processo de ensino/aprendizagem de Geografia no Ensino Médio.

A Geografia Escolar, como já foi discutida, está fundamentada em lei e diretrizes, princípios e competências básicas para um melhor funcionamento (LDB e PCNs), e, portanto, refletir sobre o ensino de Geografia é um passo importante para aqueles que vão atuar na área, afinal a produção do conhecimento geográfico, suas teorias e práticas, possui um significado de aprendizagem mútua no envolvimento intrínseco do processo de ensino/aprendizagem, seja no nível básico ou universitário.

No caso específico do Ensino Médio, amparado pelo Artigo 35 da LDB, notamos aí uma necessidade de conexão entre o fazer geográfico na escola e suas aplicações na vida social. Pois se trata de um momento de transição para a vida profissional, para carreira profissional ou mesmo a escolha de um curso universitário. Sobre isto, Callai (1999) afirma que “a reflexão, neste momento de tantas mudanças, é significativa no sentido de vislumbrar alternativas possíveis para tornar a escola ligada com a vida, resguardando sempre o seu papel” (p. 61). Para esta autora, na área das humanidades essa preocupação com a instrumentalização do aluno para a formação do cidadão é recorrente, e a Geografia possui todas as referências essenciais para colocar ao aluno as ferramentas para tal.

Em outras palavras, o conhecimento almejado pelo ensino da Geografia, sob uma visão crítica, não está baseada diretamente no professor ou na ciência a ser ensinada, e, sim naquilo que é real para os alunos, ou seja, no meio em que educandos e educadores estão situados e, portanto, são resultados da coletividade dos grupos sociais. “Integrar o educando no meio significa deixá-lo descobrir que pode tornar-se sujeito na história” (VESENTINI, 2008, p.15). Partindo desse princípio, onde se abre uma discussão sobre o sentido de lugar, um tema que tem se mostrado um desafio no ensino de Geografia, é que se entende a cidade como um conteúdo a ser compreendido como uma representação precisa dentro dessa perspectiva. É válido lembrar que essa categoria temática se manifesta como uma articulação entre o global e o local, introduzindo o aluno ao mundo que o cerca, fazendo-o compreender os movimentos que ocorrem dentro de uma visão contraditória.

Para as autoras Bento e Cavalcanti (2009), “estudar uma cidade pressupõe conhecer o lugar, saber o que existe nele e sua relação com o maior, como o próprio espaço geográfico” (p. 1). Nesse contexto, cabe à Geografia Escolar o papel mais complicado nesse ensino: o de realmente cumprir sua tarefa de formar cidadãos aptos a exercer o direito à cidade, sabendo que esta, mesmo que segregada, pertence a todos que a constituem. Bado (2009) compartilha dessa concepção em que os conceitos geográficos podem ser compreendidos mediante o estudo da cidade, como fruto das relações sociais e econômicas que ocorrem por determinadas escalas espaciais e temporais, no sentido mais amplo de espaço geográfico. Para Dolfuss (1978) “o espaço geográfico é o espaço acessível aos homens e por eles utilizado para a sua existência” (p. 7). Para este autor, o conceito de espaço geográfico está presente em toda a história do homem, no sentido de transformação do meio natural em meio geográfico. Carlos (2000) vai definir que o “espaço geográfico deve ser concebido como um produto histórico e social das relações que se estabelecem entre sociedade e o meio circundante” (p. 15).

Diante do exposto fica evidente que a relação entre cidade e espaço geográfico é intrínseca. No estudo da cidade o que se destaca são as formas de “organização do espaço e as relações sociais que nela atuam e influenciam, podem ser trabalhados em toda a sua complexidade, e o mais importante: possibilitando o estudo da dialética entre o local e global, tendo como referência o lugar vivido” (BADO, 2009, p. 33). Portanto, no que se refere aos conteúdos programados para Geografia no Ensino Médio, podemos observar que a cidade se apresenta como tema primordial para a formação de cidadãos. Souza (2007) reflete que a melhor maneira de introduzir os conteúdos relacionados a essa temática refere-se aos conhecimentos que cercam a modalidade da Geografia Urbana, considerada o melhor instrumento para o cumprimento desse papel. Pois ao se trabalhar esses conteúdos, podem-se articular os conceitos da Geografia a vida na cidade.

O desenho urbano de Boa Vista como conteúdo geográfico num contexto local

O termo “traçado urbano” é utilizado como uma definição de avenidas, ruas e caminhos para pedestres, necessários para tornar acessíveis as diferentes partes do espaço a serem organizadas. Essas ruas, avenidas ou caminhos assumem diferentes desenhos ou formas geométricas, conforme a topografia do local e características de sua população (MASCARÓ, 1997). Essa terminologia é prática e pouco sociológica; na verdade, trata-se do estudo dos elementos dispostos no tecido urbano de uma localidade através de uma visão arquitetônica e parcial, onde o homem é apenas o arquiteto ou o pedreiro. Mas, é sabido que para a Geografia a superficialidade desses fatos não é suficiente para explicar os fenômenos sociais específicos que redefinem esse desenho num contexto histórico complexo, e, por isso, procura investigar o que se oculta por detrás das paredes cinza que envolvem a paisagem urbana. E, dentro do âmbito escolar, principalmente para o nível médio de ensino, esta seria uma maneira de introduzir aos alunos a história da sociedade onde vivem, através das mudanças urbanísticas de sua cidade.

Tratando-se de mudanças no desenho urbano ocasionado por inúmeros fatores gerais e específicos, e em diferentes escalas temporais, a cidade de Boa Vista (Roraima) é um importante exemplo a ser trabalhado como conteúdo geográfico nas escolas locais, pois seria a maneira mais eficaz de chamar atenção dos alunos para os acontecimentos atuais em sua cidade e dentro desta perspectiva, fazê-los compreender por quais processos ela teve que passar para se consolidar definitivamente como a capital de um estado com localização estratégica numa fronteira geopolítica internacional.

Esta atenção mais apurada para o desenho urbano de Boa Vista, como tema principal na introdução da temática da cidade se dá por dois motivos relacionais: o primeiro decorre que ao iniciar essa ideia mostrando aos alunos a evolução da cidade onde moram, desde seu núcleo embrionário até atual configuração, provoca a curiosidade dos alunos, por não se tratar apenas de historicidade mecânica programada em livros didáticos, sobre metrópoles ou países de que não possuem contato imediato, mas sim do lugar onde vivem cotidianamente; o segundo motivo está na praticidade do envolvimento de vários contextos temáticos que podem ser trabalhados a partir do desenho físico da cidade, tais como: redefinições urbanas causadas por movimentos espontâneos, movimentos econômicos, movimentos migratórios, movimentos políticos, entre outros, nas quais resultaram em diferentes representações do espaço urbano da capital.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir são apresentados os resultados e discussão sobre os dados obtidos durante esta pesquisa, a qual está baseada nas discussões realizadas sobre o ensino de Geografia e as recomendações das políticas públicas educacionais, que destacam a necessidade de um ensino voltado para formação da cidadania e preparação para os desafios do trabalho; e as indicações dos PCNs, que sugerem a abordagem de conteúdos que conectem o aluno ao lugar onde está inserido. Desta forma, tornou-se necessário fazer uma proposta teórico-metodológica que desempenhasse tais funções dentro de um ambiente escolar, apresentada na metodologia desta pesquisa.

Resultados da aplicação de questionário de investigação

O foco desta pesquisa está baseado em organizar os conceitos de cidade como conteúdo programático na Escola Camilo Dias, utilizado como referência temática a cidade de Boa Vista, para os propósitos específicos do Ensino Médio. Os questionários foram aplicados em uma turma de 21 alunos, 2ª série vespertina do Ensino Médio da Escola Camilo Dias. O objetivo dessa aplicação era estabelecer uma linha de contato entre os educandos e a proposta realizada nessa pesquisa.

A ideia principal das questões aplicadas foi investigar o grau de conhecimento que os alunos têm sobre a cidade onde residem e qual a ligação do ensino da Geografia com essa

temática. Diante dessas questões, Moragas (2006), baseada nos estudos de Simielli (2001), menciona que é preciso estabelecer uma diferenciação entre o saber universitário e o saber ensinado pelos professores de nível básico. Segundo a autora, para que a Geografia, como ciência, atinja o público escolar, é necessário que se faça uma transposição didática para o ensino, no sentido de ajustar esse saber universitário a capacidade intelectual dos alunos, respeitando as diferenças de domínio cognitivo.

Com relação a esta problemática, a primeira pergunta do questionário foi direcionada em saber o que os alunos entendiam por Geografia, no intuito de compreender essa diferenciação de saberes entre os níveis de ensino superior e básico, proposta pela autora supracitada. Os resultados mostram que a maioria dos alunos afirmaram saber o que estudava a Geografia, e todas as respostas dissertativas faziam menção ao espaço geográfico, a paisagem, a localização e ao planeta Terra (Figura 2). Isso mostrou um pouco da personalidade dos alunos e da ligação que possuem com a sociedade a sua volta, mesmo que de maneira despercebida eles entendem que fazem parte do processo de produção da dinâmica do espaço onde vivem.

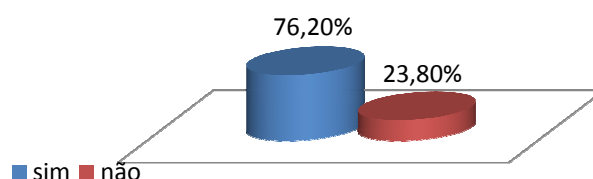


Figura 2: Quantidade que afirmam saber o que estuda a Geografia. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Morais, 2014.

Cavalcanti (2002) argumenta que a importância de estudar e ensinar a temática da cidade nas salas de aula nos conteúdos de Geografia se dá por dois motivos: o primeiro por se tratar de uma espacialidade específica que se comporta de acordo com as multiplicidades de aspectos e características próprias, e, o segundo motivo se baseia no desenvolvimento de habilidades, valores e condutas para a vida em sociedade, contribuindo para a formação de cidadãos. E uma forma muito conveniente para entender esses fatores nos dias atuais é saber como eles começaram.

Portanto, uma das perguntas do questionário estava direcionada em saber da turma se eles conheciam a história do lugar onde moram, ou seja, Boa Vista. A figura 3, abaixo mostra um resultado que precisa ser superado pelos professores de Geografia local, através da fundamentação dessa temática como base forte dentro de sua didática.

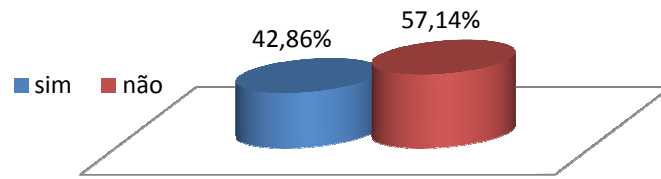


Figura 3: Quantidade de alunos que responderam sobre conhecerem a história de Boa Vista. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Morais, 2014.

Essa associação entre os estudos da cidade no ensino da Geografia e a formação de cidadãos está pautada no fato de que é cada vez maior o número de pessoas que passam a morar nas cidades desde o século XIX. Sobretudo, é na cidade que ocorrem todas as nossas contradições sociais, e, não importa o quanto um sujeito esteja intimamente ligado ao campo, seu vínculo com a cidade nunca termina mesmo que continue de maneira superficial.

De uma maneira geral, a cidade possui um caráter próprio dela que é o de aglomeração, enquanto no campo é o da dispersão (MORAGAS, 2006). Diante disso, foi perguntado aos alunos se eles sabem o que significa a palavra cidade (Figura 4), e a maioria respondeu que não sabia, mas talvez a explicação não esteja na falta de informação, ou na falha didática do professor, mas sim na forma de organização e repasse de um conceito tão complexo para o papel. Os que responderam que sabiam relacionaram o termo cidade ao lugar onde vivem, ao asfaltamento das ruas, às instituições espalhadas pelo tecido urbano, entre outros fatores relacionados apenas à infraestrutura do lugar.

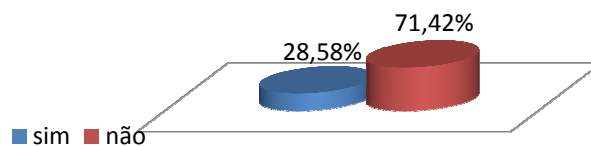


Figura 4: Porcentagem total de alunos que afirmaram conhecer o que é cidade. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Morais, 2014.

Para Cavalcanti (2002), a escola, ou mesmo o próprio professor, ao optar trabalhar com o eixo cidade/urbano nas aulas, deve propiciar atividades em que os alunos percebam que existem diferentes “imagens da cidade: cotidianas e científicas” que podem se confrontar. Além dessas atividades, o educador deve separar temas variados para iniciar essas aulas, como por exemplo, aspectos relacionados a divisões administrativas da cidade.

A partir dessa discussão surgirão assuntos como a distribuição dos bairros no tecido urbano, localização, paisagem urbana, traçado viário, etc., que desencadearam em outros assuntos e assim sucessivamente. Com relação a isso, a maioria dos alunos não soube

responder como Boa Vista é dividida administrativamente, que seria em 4 “zonas” (Oeste, Leste, Sul, Norte) e um Centro principal, e com isso não sabem responder em qual dessas divisões fica localizado seu bairro. E os que afirmaram saber, responderam apenas que a cidade é dividida por bairros, ruas e avenidas. Como mostra a figura 5 seguir:

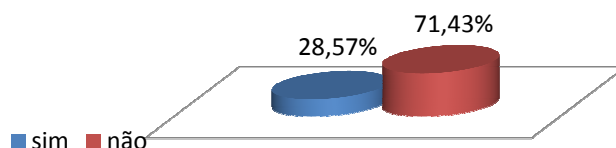


Figura 5: Porcentagem total de alunos que responderam sobre as divisões administrativas de Boa Vista. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Moraes, 2014.

Mas, quando perguntados sobre qual região do Brasil fica localizada a cidade de Boa Vista a resposta foi unânime: região Norte, ou seja, quando se trata de interrogá-los sobre a cidade que vivem em seu contexto histórico, social, econômico e cultural, vemos que esses alunos apresentam imensas dificuldades na resolução das perguntas (Figura 6). No entanto, ao colocarmos Boa Vista dentro de uma escala mais ampla em relação ao resto do país, essas mesmas dificuldades diminuem. E o motivo dessa diferenciação pode estar entranhada na metodologia de professores que insistem em ensinar uma Geografia global baseada apenas nos acontecimentos da atualidade e satisfazendo a necessidade de um Ensino Médio que sempre desemboca em provas de vestibular. O compromisso, muitas vezes, só chega até esse ponto e a partir daí o aluno não é mais responsabilidade da escola. Por isso, um dos princípios pautados nos estudos da cidade descreve que é necessário vivenciar o local para compreender o global em todos os sentidos.

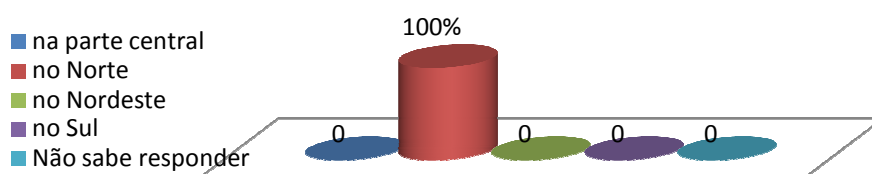


Figura 6: Quantidade de alunos que responderam em qual região do Brasil se localiza Boa Vista. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Moraes, 2014.

Com relação ao desenho urbano da cidade de Boa Vista, foi possível notar que os alunos apresentam certa desorientação sobre o significado dessa expressão, mesmo nos dias atuais em que as discussões a respeito da cidade crescem cada vez mais com a demanda por espaços, tornando-se um dos maiores desafios do planejamento urbano para questões de moradia, principalmente, e outras formas de uso e ocupação do solo urbano. Quando

questionados se já viram algum mapa da cidade, a maioria respondeu que sim (Figura 7), mas, ao serem questionados sobre a década em que a cidade ganhou um projeto de Plano Urbanístico, todos responderam que não sabiam e nem mesmo tinham ideia de que ela já havia sido planejada (Figura 8).

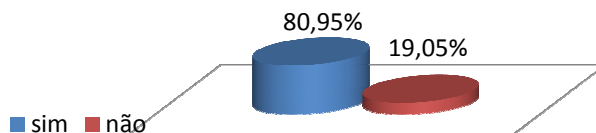


Figura 7: Porcentagem de alunos que responderam se já viram algum mapa de Boa Vista. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Morais, 2014.

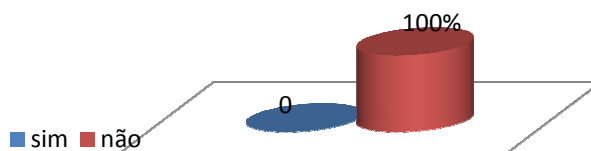


Figura 8: Porcentagem de alunos que responderam sobre a década em que o Plano Urbanístico de Boa Vista foi criado. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Morais, 2014.

Outra pergunta realizada no questionário que comprovou a falta de conhecimento desses alunos a respeito da morfologia urbana de sua cidade, foi sobre o modelo urbanístico escolhido pela firma Riobras do arquiteto Darcy Aleixo Derenusson, na década de 40, para desenvolver em Boa Vista (Figura 9). Diante dessa questão, a turma se mostrou bastante desorientada, e o que deu para perceber era que esse determinado assunto simplesmente não fazia parte de seu universo escolar, pois as respostas se mostraram totalmente confusas, mesmo com a pergunta tendo em sua estrutura algumas opções de resposta.

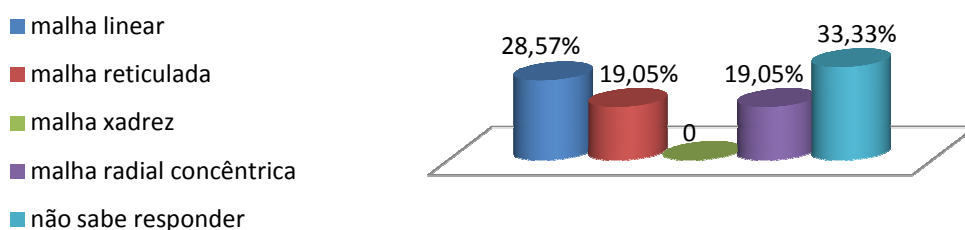


Figura 9: Quantidades de alunos que responderam se sabiam do plano urbanístico implantado em Boa Vista. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Morais, 2014.

E, quanto ao arquiteto ou a firma empreiteira do plano, a grande maioria dos alunos nunca ouviu falar (Figura 10), assim como outras grandes personalidades da história

roraimense que deram nomes a ruas, avenidas, instituições públicas e privadas espalhadas pela cidade, são pessoas que fizeram parte de toda uma construção social e cultural, mas isso raramente é contado nas salas de aulas.

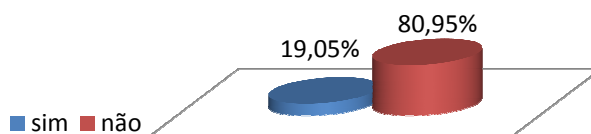


Figura 10: Porcentagem de alunos que responderam se sabia quem foi o arquiteto Darcy A. Derenusson. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Moraes, 2014.

Cavalcanti (2002) discorre que para que os alunos possam se confrontar no espaço vivido que o cerca, é preciso esboçar três imagens da cidade: sendo a primeira subjetiva, ou seja, aquela que cada um cria ao redor de si; a segunda objetiva, global e profunda utilizada mesmo nas escolas como conteúdo programático; e a terceira imagem, que seria a cidade a ser construída, projetada na cidade que se deseja ter, baseada na imaginação e na utopia, para contrapor com a realidade vivida e a partir daí criar elementos para a construção de uma cidade melhor para todos.

Essa construção da cidade ideal só pode ser discutida a partir do momento em que se entendem os processos que ocorrem na cidade real, os elementos precisam ser reais e vivenciados pelo aluno cotidianamente. Então, pode-se utilizar a observação da paisagem urbana como metodologia usual de compreensão dos fluxos e dos fixos dos objetos que os cercam, esse método também consiste em fazer com que o aluno traga para dentro da sala de aula suas visualizações e experiências pessoais no contato direto com esses objetos.

Para verificar o grau de observação desses alunos com relação à paisagem urbana de Boa Vista, exposta em sua mais simples superficialidade, foi perguntado sobre como é o formato que as ruas, ou principais avenidas que vão diretamente para o centro principal da cidade possuem (Figura 11). E, com relação a isso a maioria dos alunos conseguiu acertar a resposta, isso significa que dá para o professor explorar ainda mais essa capacidade de observação dos elementos urbanos dos alunos para auxiliá-los em sua didática escolar em estudos relacionados à cidade ou outra paisagem vivenciada por eles.

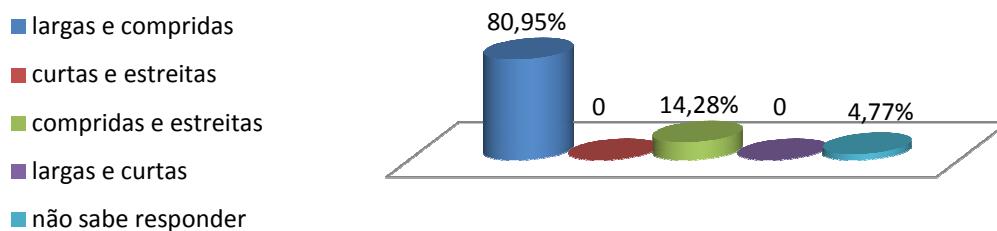


Figura 11: Porcentagem de alunos que responderam sobre o formato das ruas que vão diretamente para o centro de Boa Vista. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Morais, 2014.

Concluindo essa fase de perguntas objetivas, e como não poderia deixar de ser importante, foi perguntado aos alunos se já tiveram aula de Geografia relacionada à cidade de Boa Vista (Figura 12), pois não adianta cobrar dos alunos toda essa complexidade de fatores que envolvem essa temática sem a orientação correta dos conteúdos dados na sala de aula.

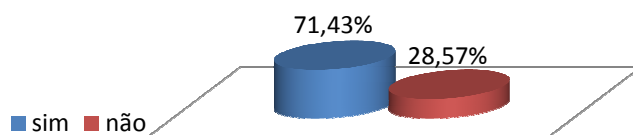


Figura 12: Quantidades de alunos responderam se já tiveram aula de Geografia relacionada a cidade de Boa Vista. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Morais, 2014.

Só assim é possível acreditar que o caminho para a construção de uma cidadania mais crítica, estruturado no convívio social pode está sendo trilhado, não exclusivamente pela escola, e, no entanto, a Geografia, com todo o seu arcabouço teórico-metodológico, enquanto ciência acadêmica ou disciplina escolar pode contribuir e muito nessa caminhada, seja nos conteúdos relacionados à cidade/urbano ou a qualquer outra unidade temática (MORAGAS, 2006).

A aplicação da proposta teórico-metodológica através de um seminário temático

Partindo dos princípios básicos propostos nesse trabalho e de acordo com as respostas dos alunos em relação ao questionário investigativo aplicado na Escola Camilo Dias, foi realizada uma aula temática ou um seminário explicativo sobre os assuntos que nortearam essa metodologia. Sabemos que o estudo da cidade é um grande desafio a ser explorado pelos professores de Geografia nas escolas, sobretudo nesse nível de ensino, onde há uma intensa obrigação pelo interesse de formação da cidadania e do despertar do pensamento crítico dos alunos no Ensino Médio. Mas é preciso levar em conta que a educação brasileira funciona (ou

deveria funcionar) como um ciclo de informações que se chocam nas diferentes escalas sociais. E, em algum momento as fragilidades ou potencialidades adquiridas na escola vão se confrontar com a vida em sociedade, por isso deve se tentar corrigir os erros ou sanar as dúvidas referentes a esse processo dentro do ambiente de ensino, que seria o lugar de formação de novos cidadãos críticos.

Diante dessas questões, o seminário explicativo teve duração de 1 hora e os assuntos abrangeram todas as perguntas do referido questionário. A escolha pela metodologia projetada em imagens partiu da concepção básica de que a disciplina de Geografia é tomada por muitos alunos como tediosa e sem atratividade alguma, por isso o uso desse equipamento tornou-se indispensável para a captura quase que total da atenção dos alunos durante a exposição das ideias na parede. Sobre isso, Cavalcante e Biesek (2009) discorrem que o uso de tecnologias nas escolas deve fazer parte do cotidiano escolar como um componente pedagógico e técnico. Assim, o ensino de Geografia por meio do uso de várias tecnologias, permite que os educandos se insiram cada vez mais em ambientes interativos, dado que os inúmeros recursos tecnológicos podem tornar as aulas mais dinâmicas e motivadoras favorecendo sua participação em sala, e contribuindo para a sua aprendizagem e conseqüentemente para qualidade da educação.

Pela deficiência que temos em encontrar conteúdos relacionados à história de Boa Vista ou até mesmo em relação à História e Geografia de Roraima em linguagem didática, todos os slides do seminário continham textos acadêmicos e científicos, assim como as imagens exibidas, tais como fotos antigas e mapas confeccionados dentro das paredes acadêmicas do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Roraima (UFRR). De início, o seminário procurou esclarecer algumas dúvidas sobre o objeto de estudo da Geografia tanto como ciência quanto como conteúdo de ensino, para que os alunos compreendessem qual é o papel do geógrafo – educador e do geógrafo pesquisador e quais as contribuições destes perante a sociedade.

Também mostrou a importância de se estudar conceitos de Geografia Urbana partindo do local para o global, inserindo o aluno dentro do seu ambiente de ensino e espaço social para que ele mesmo trilhe seu caminho na compreensão de objetos em escala maior. É imprescindível que os alunos consigam perceber os fenômenos da relação parte/todo, pois o não discernimento desse fator, muitas vezes, impede ou dificulta o trabalho da Geografia Urbana escolar, e isso pode ser evitado através da discussão de conceitos que precisam ser estabelecidos a partir do confronto entre aqueles que estão dentro de uma dimensão cotidiana e aqueles provenientes dos saberes científicos (BENTO; CAVALCANTI, 2009).

A apresentação procurou mostrar a dinâmica de produção da cidade de Boa Vista desde seu núcleo embrionário até a atual configuração, passando pelos momentos históricos mais importantes e as diferentes marcas estruturais deixadas no desenho do espaço urbano dessa localidade. No geral, a apresentação conseguiu abranger todos os aspectos históricos, sociais e geográficos sobre a dinâmica de produção do espaço urbano de Boa Vista. As ilustrações do seminário fizeram parte de uma espécie de cronograma temporal que, por si só, contariam aos alunos como sua cidade surgiu, cresceu e se desenvolveu, e, o mais importante para a elaboração dessa metodologia foi a compreensão de fatos que marcaram toda a estrutura do lugar que continua a se modificar graças à intensa movimentação que toda cidade média possui.

Resultado das perguntas de avaliação do seminário explicativo

Na tentativa de saber se algum conhecimento ou orientação dada através do seminário explicativo conseguiu atingir o objetivo de ser apreendido por esses alunos, foi necessário realizar algumas perguntas de simples de avaliação. Essas questões se mostraram importantes dentro desses resultados, pois quebraram, ainda que de maneira indireta, a barreira de diálogo entre alunos e a metodologia adotada. Com relação a isso foi perguntado como os alunos avaliam a qualidade do seminário explicativo dado na sala de aula, e o resultado foi altamente positivo como mostra a seguinte figura 13.

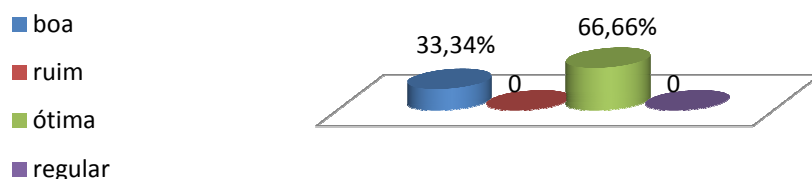


Figura 13: Resultado que mostra a avaliação dos alunos perante o seminário explicativo.
Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Morais, 2014.

Com Relação às constantes dúvidas ou falta de informação sobre a cidade de Boa Vista, a grande maioria dos alunos afirmou que conseguiu compreender por meio do seminário algumas das complexidades que envolvem essa temática (Figura 14).

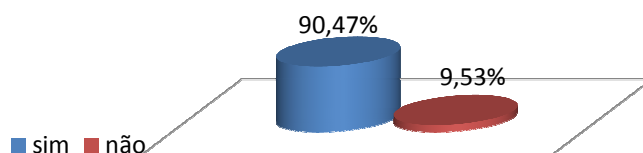


Figura 14: Resultado que mostra a apreensão dos alunos da temática apresenta durante o seminário explicativo. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014.Elaboração: Roseane Morais, 2014.

Durante toda a explicação da temática na sala de aula, foi possível perceber que os alunos possuíam certa dificuldade em identificar os fatores históricos e sociais da cidade de Boa Vista e sua importância como capital de um Estado localizado em uma área movimentada de fronteira. Pois, a cada novo slide apresentado surgia com ele um olhar de curiosidade nos alunos, que se mostraram cada vez mais interessados pelos processos temporais que ocorreram e ocorrem na cidade em que residem diariamente. Sobre isso, foi perguntado se eles queriam se aprofundar ainda mais nessa temática e conhecer melhor seu lugar no mundo, e a grande maioria respondeu que sim (Figura 15).

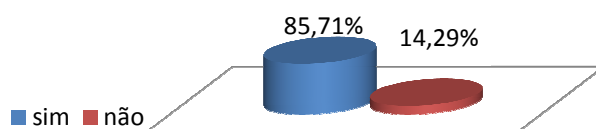


Figura 15: Resultado dos alunos que responderam que gostaria de aprender mais sobre Boa Vista. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014.Elaboração: Roseane Morais, 2014.

Para identificar se realmente a metodologia aplicada nessa pesquisa tinha conseguido prender a atenção desses alunos foi feita uma pergunta simples sobre o nome da fazenda que teria sido o berço histórico da capital de Roraima, informação que foi repassada durante a apresentação dos slides, e o resultado foi positivo, pois a maioria soube realmente responder a pergunta, que era Fazenda Boa Vista (Figura 16).

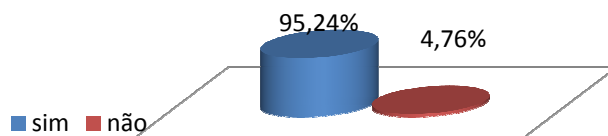


Figura 16: Resultado de alunos que responderam corretamente sobre a fazenda que surgiu a cidade de Boa Vista. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014.Elaboração: Roseane Morais, 2014.

No término dos slides foi mostrado aos alunos como o desenho da cidade de Boa Vista está disposto no tecido urbano nos dias atuais, além de sua divisão administrativa. Através Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. V 4, n.2, p 26 - 50. Julho/Dezembro. 2014.

dessa imagem houve uma grande empolgação na turma que ficou interessada em saber onde seu bairro se localizava e qual a distância dele para o centro da cidade. Pediram para deixar o mapa mais alguns minutos na tela para apreciação. E, por esse motivo foi perguntado a eles, se conseguiriam dizer em que zona administrativa da cidade de Boa Vista eles moravam, e pela resposta deu para perceber que agora sim eles conseguem se localizar melhor dentro desse espaço urbano, além de mostrar que a escola Camilo Dias atende uma população escolar, quase que totalmente, dessa área do tecido (Figura 17).

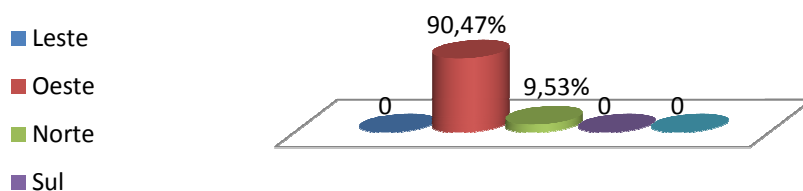


Figura 17: Resultado das respostas dos alunos sobre que zona administrativa eles moram. Fonte: Pesquisa realizada na Escola Camilo Dias, 2014. Elaboração: Roseane Morais, 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou trazer uma reflexão significativa para ensino da Geografia Escolar e seu papel na importância da construção da cidadania no Ensino Médio através do estudo da cidade como conteúdo geográfico essencial. Com essa discussão, foi possível perceber que a formação da cidadania é considerada pelas políticas públicas, pelas escolas e pela própria Geografia Crítica como parte fundamental no desenvolvimento dos alunos. Mas, esta formação cidadã e crítica tão necessária nas escolas, dependem também de outros elementos decisivos, tais como a metodologia utilizada pelo professor, os temas que seleciona, e a capacidade cognitiva do aluno.

Para aqueles que vão atuar, de fato, como futuros educadores é necessário compreender que a experiência de conhecer a prática do cotidiano escolar na Rede Pública de Ensino é um dos momentos mais marcantes durante o processo percorrido, pois é nesse ambiente que serão aplicados os conhecimentos adquiridos durante o período acadêmico, o que é importante para todo profissional que atua na Educação, e, neste caso específico, aos que atuam no ensino da Geografia, já que o educador dessa área deve oferecer situações de aprendizagem que de fato dialoguem com as experiências concretas do aluno com o espaço vivido.

Na busca pela reafirmação configurada na cidade como dimensão espacial, enquanto o lugar da vida cotidiana, do sentido e do vivido como uma referência necessária para uma

escala de análise, é que esta pesquisa foi minuciosamente baseada. A escolha pelo desenho urbano de Boa Vista foi uma maneira de tentar inserir no contexto escolar a importância dos estudos relacionados ao espaço construído que nos cerca, colocando o aluno como um sujeito atuante dentro dessa sociedade dinâmica.

Essa pesquisa se constitui de um caminho traçado em torno na realidade social que cerca a todos nós, acadêmicos, professores e alunos, uma vez que tenta preencher as indagações e questionamentos importantes que, ainda, podem e devem ser mais aprofundados e desenvolvidos em estudos futuros que retratem esse processo de maneira íntima. São questões como estas que envolvem as diferentes formas de o professor lidar com o conteúdo, na constante busca de compreender onde está o modelo estratégico eficaz, e, de que forma podemos analisar a nossa própria prática.

REFERÊNCIAS

BADO, S. R. de L. **Desafios da Geografia: a cidade como conteúdo escolar no Ensino Médio**. 2009. 164 p. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BENTO, I. P; CAVALCANTI, L. de S. **Saberes e Práticas de Professores de Geografia Referentes ao Conteúdo Cidade no Cotidiano Escolar** In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 10, 2009. Trabalhos Completos, Porto Alegre, 2009.

CABRAL, E. F. **O ensino da Geografia. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial**. Porto Alegre, 1957.

CALLAI, H. C. **Outras leituras para o Ensino de Geografia** in: VERDUM, R; STROHAECKER, T. (Org.). Ensino de Geografia, Planejamento Ambiental e Gestão Territorial. Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2001. P. 16-19.

_____. **A Geografia no Ensino Médio**. Terra Livre: As transformações no Mundo da Educação. Associação dos Geógrafos brasileiros. Ano 1999; nº 14, São Paulo. p.0 -99.

CARLOS. A. F. A. **Espaço e Indústria**. São Paulo: Contexto, 2000.

CAVALCANTE, M. M. de A; BIESEK, A. S. **O Uso de Tecnologia no Ensino De Geografia: Experiência na Formação de Professores**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 10, 2009. Trabalhos Completos, Porto Alegre, 2009.

CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. In. SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1, 2010. Anais sobre Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, 2010, p. 1-16.

_____. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. **Geografia Escolar e Procedimentos de Ensino numa Perspectiva Socioconstrutiva**. Revista Ciência Geográfica, AGB de Bauru, ano VI, v. II, n. 16, mai/ago. 2000, p.1 a 99.

DOLFUSS, O. **O espaço geográfico**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

DORFMAM, A; QUADROS, J. B. de; FERNANDES, R. Z.; AGUIAR, R. C de. **Práticas Pedagógicas de Geografia Urbana: Um Estudo Sobre Porto Alegre e Região Metropolitana**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 10, 2009. Anais. Trabalhos Completos, Porto Alegre, 2009.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia) – **Senso 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=rr> . Acesso em: 15 de Novembro de 2013.

LDB - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. 5ª ed. 2010. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados – Centro de Documentação e Informação – Coordenação de Biblioteca. Site: <http://bd.camara.gov.br>. Acesso: 20 de setembro de 2013.

MASCARÓ, J. L. **Manual de loteamentos e urbanização: urbanização de encosta**. Ed 2. Porto Alegre: Sagra, Luzzatto, 1997.

MORAGAS, R. A. R. **Concepção de cidade/urbano no ensino de geografia: Elementos para análise**. Revista Eletrônica de Educação do Curso de Pedagogia do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás. Goiás, v. 1, n. 2, p. 33-42, jan./jul. 2006.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (ENSINO MÉDIO) - Parte IV Ciência Humanas e suas Tecnologias. Ano 2000.

SIMIELLI, M. E. R. **Cartografia no ensino fundamental e médio**. In: CARLOS, A. F. A. et al. (Orgs.). A geografia em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2001.

SOUZA, V. C. de. **A cidade e o urbano na formação do professor de geografia**. Universidade Federal de Goiás. 2007.

VESENTINI, J. W. **Para uma nova Geografia Crítica na Escola**. Editora do autor. São Paulo, 2008.

Recebido para publicação em 01/04/2014

Aceito para publicação em 28/08/2014